

A PROPÓSITO DE "O GUARANI"

CMP 21.44.68

Odilon Noqueira de Matos

Manifestou-se muito cedo a inclinação de Carlos Gomes para o teatro lírico, pois antes de seguir para a Europa como beneficiário de uma bolsa concedida por D. Pedro II, já fizera encenar no Rio de Janeiro, com relativo êxito, duas óperas — "A Noite do Castelo" e "Joana de Flanders" — sobre textos de Antonio Feliciano de Castilho e Salvador de Mendonça, respectivamente. Para o seu espírito acentuadamente voltado para o lírico, nenhum ambiente, de fato, seria mais apropriado do que a Itália da segunda metade do século XIX. A ópera absorvera, na Península, todas as outras formas musicais. Se a época romântica de Donizetti ou Bellini, ou a dos compositores "bufos" do século XVIII já havia sido superada, encontrava-se a Itália sob o fascínio das obras melodramáticas de Verdi. Os maiores sucessos do grande compositor já se haviam firmado com "Rigoletto", "Traviata", "Força do destino" e "Don Carlos", e preparava-se, então, para o grande triunfo de "Aida", composta a pedido do quediua do Egito para as festas da inauguração do canal de Suez e estreitada no Cairo em 1871. Nesse ambiente operístico por excelência, Carlos Gomes ia sentir-se bem à vontade.

Andava a procura de assunto para a sua ópera de estréia na Itália, quando lhe caiu às mãos uma tradução do célebre romance de Alencar. Tudo no "Guarani" lhe pareceu adequado a uma ópera: amor, intriga, inveja, traição, cenas descritivas de grande beleza e um profundo sentido épico e heróico. Encomendou o libreto a um certo Antonio Scalvini, que se apressou em explicar que o drama "fu tratto dello stupendo romanzo dello stesso titolo del celebre scrittore brasiliano José de Alencar", julgando-se ainda no dever de informar ao público italiano o significado dos nomes "guarani" e "aimoré" que aparecem com frequência no drama: "sono quelli di due frate tende tribù indigene che occupavano le varie parti del territorio brasiliano prima che i portoghesi vi appodrassero por introdurvi la civilizzazione europea". Seus parcos conhecimentos da história do Brasil levaram-no a ver em D. Antonio Mariz "um dos primeiros que governaram o país em nome do rei de Portugal". No libreto, a sinistra figura de Loredano, do romance, foi substituída, pois não seria de bom tom apresentar ao público italiano uma ópera na qual o único personagem a desempenhar um papel execrável fosse um italiano...

Libretista e compositor, de comum acordo, transformaram-no em Gonzales, "aventureiro espanhol"...

Embora houvesse escrito outras óperas bem superiores ao "Guarani" (especialmente "Fosca" e "Salvador Rosa"), Carlos Gomes ficou sendo, no consenso popular, simplesmente o autor do "Guarani". Já o próprio compositor se queixava do que lhe parecia uma injustiça, como se depreende de uma carta que escreveu ao Visconde de Taunay comentando o pedido para uma representação do "Guarani" numa das capitais de província: "Por que só o "Guarani" e sempre o "Guarani", como se eu não tivesse escrito mais nada"? Mas, fosse pelo que fosse (o assunto bem brasileiro, a popularidade do romance de Alencar ou por qualquer outro motivo) a verdade é que o **Guarani** fez eclipsar todas as outras óperas do compositor campineiro, tendo sido a única, até agora, a merecer as honras de uma gravação integral. No entanto, a encenação nas temporadas líricas paulistanas de 1976 e 1977 revelou-nos, através de "Salvador Rosa" e especialmente "Maria Tudor", um Carlos Gomes que ainda não conhecíamos e que convém seja mais divulgado.

Correio Popular. 21-~~IX~~-1979